

REDAÇÃO DE VESTIBULAR: GÊNERO HETEROGÊNEO

Cinara Ferreira Pavani¹
Vanilda Salton Köche¹
Odete Maria Benetti Boff¹

cfpavani@ucs.br
vskoche@ucs.br
odeteboff@verlag.com.br

INTRODUÇÃO

Em geral, o professor de Língua Portuguesa repassa aos alunos uma estrutura tradicional de redação, com o propósito de atender às supostas exigências da seleção para o ingresso na Universidade, através do Concurso Vestibular. Nesse processo, não desenvolve uma metodologia voltada para a discursividade, que pressupõe a construção de diferentes gêneros textuais, usados em distintas situações de comunicação.

Para Meurer (1996), o ensino das modalidades tradicionais é altamente deficiente, entre outras razões, porque não se preocupa com o conjunto de variáveis sócio-cognitivas implicadas no uso da linguagem humana e porque não dá conta dos gêneros textuais que os indivíduos utilizam nas mais diversas situações de interação que acontecem no mundo atual.

Na disciplina de Língua Portuguesa, o texto é o objeto que propicia a interlocução entre professor, aluno e sociedade. Assim, o ensino de língua deve partir de atividades lingüísticas situadas e não distanciadas de seus usuários. Trata-se de entender a língua numa perspectiva sócio-interacionista, na qual a sua função não é apenas de comunicação, mas, antes de tudo, de meio de interação social entre os indivíduos.

Por isso, torna-se pertinente e necessário ampliar os estudos sobre a redação de vestibular como prática social, uma vez que o domínio desse gênero é fundamental para o acesso à universidade, e pode servir como meio de o professor desenvolver a competência

¹Universidade de Caxias do Sul, Campus Universitário da Região dos Vinhedos.

argumentativa do aluno, tornando-o capaz de estabelecer a interação com seus interlocutores em diferentes situações. Este artigo apresenta os resultados da pesquisa *A redação de vestibular como gênero textual*, desenvolvida na Universidade de Caxias do Sul, Campus Universitário da Região dos Vinhedos, que tem por objetivo investigar a redação do vestibular, no que se refere às diferentes tipologias que a constituem enquanto gênero textual. Para tal, inicialmente, apresenta-se a fundamentação teórica; em seguida, a metodologia e os resultados.

1. A REDAÇÃO DE VESTIBULAR

Na UCS, a redação de vestibular tem um caráter dissertativo. Por isso, torna-se relevante, inicialmente, conceituar a tipologia dissertativa. Para Delforce, a dissertação busca construir uma opinião de modo progressivo, demonstrando o que se pensa e como se pensa (1992). A referência ao mundo real acontece através de conceitos amplos, de modelos genéricos, e é usada como recurso de argumentação. Nessa tipologia, segundo Travaglia, busca-se essencialmente o refletir, o explicar, o avaliar, o conceituar, o expor idéias para dar a conhecer, para fazer saber (1991, p. 50).

A redação de vestibular é um gênero que atende a propósitos específicos de pelo menos duas partes: vestibulandos e banca avaliadora, configurando uma situação de interlocução. Segundo Pilar, os vestibulandos escrevem o texto porque ele constitui a prova de redação para o ingresso no Ensino Superior, e os avaliadores que compõem a banca o lêem para classificar os alunos que almejam a uma vaga na Universidade (2002, p. 161). Assim, esse gênero textual tem como função social avaliar a competência do candidato no uso da linguagem numa determinada situação de interação.

O conceito de redação do vestibular simplesmente como um texto dissertativo, narrativo ou descritivo deve ser repensado. De acordo com Pilar, faz-se necessário avançar nessa concepção e considerá-la como um gênero, através do qual os vestibulandos devem negociar significados com sua audiência-alvo no contexto específico do concurso vestibular (2002, p. 161).

Ao refletir sobre a natureza da redação de vestibular, Flores a define como um gênero híbrido, já que nele (co)habitam diferentes perspectivas que se manifestam em sua plenitude concreta no exercício da linguagem feita pelo sujeito em sua relação com o outro, numa relação de alteridade, sendo inadmissível uma abordagem meramente lingüístico-tipológica. Segundo o autor, não podemos considerar um tipo como “puro”, pois há uma heterogeneidade

de seqüências relacionadas para formar uma unidade significativa (2003, p. 95-96). Somente uma abordagem na perspectiva dos gêneros do discurso pode tornar clara a constituição da redação de vestibular enquanto uso discursivo da língua.

A seguir, abordaremos a noção de gênero textual e alguns dos principais tipos textuais que podem estar presentes na redação de vestibular.

2. OS GÊNEROS TEXTUAIS

Desde o início dos anos 80, o ensino de Língua Portuguesa tem sido o centro da discussão acerca da necessidade de melhorar a educação no país. Em decorrência disso, o ensino de língua materna foi sacudido por novas idéias provenientes, principalmente, das instituições universitárias, veiculadas em alguns livros básicos e vários cursos de treinamento voltados para professores. Rediscutiram-se as questões da correção lingüística, das práticas da leitura escolar e da produção textual e o problema da gramática (SILVEIRA, 1991, p. 40). Como foco central das discussões na escola, apontou-se, também, a dissociação entre a interlocução e as condições de produção da escrita.

No início da década de 90, em função da ineficácia do ensino centrado nas tipologias tradicionalmente exploradas na escola, iniciou-se o debate em torno dos gêneros textuais. Surgiu dos órgãos governamentais a proposta de fundamentar o ensino da língua materna, tanto oral quanto escrita, nos gêneros do discurso. Segundo os PCN, os estudos dos gêneros discursivos e dos modos como se articulam proporcionam uma visão ampla das possibilidades de usos da linguagem, incluindo-se os textos literários (1999, p. 129).

Os Parâmetros ressaltam que produzir linguagem significa produzir discursos. Quando se interage verbalmente com alguém, o discurso se organiza a partir de conhecimentos que se acredita que o interlocutor possua sobre o assunto, do que se supõe serem suas opiniões e convicções, simpatias e antipatias, da relação de afinidade e do grau de familiaridade que se tem, da posição social e hierárquica que se ocupa em relação a ele e vice-versa. Isso tudo pode determinar as escolhas que serão feitas com relação ao gênero no qual o discurso se realizará. Em geral, é durante o processo de produção que essas escolhas são feitas, nem sempre (e nem todas) de maneira consciente (1999, p. 25).

Toda atividade discursiva dá-se através dos gêneros, o que evidencia toda sua multiplicidade. Referindo-se à necessidade dos gêneros, Bakhtin afirma que “se não existissem os gêneros do discurso e se não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo da fala, se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, a

comunicação verbal seria quase impossível” (1992, p. 302). Os gêneros são indispensáveis para o processo de interlocução entre as pessoas, uma vez que se entende a língua como uma atividade social, histórica e cognitiva e privilegia-se a natureza funcional e interativa, e não o aspecto formal e estrutural da língua.

Na concepção de Bakhtin, os *gêneros do discurso* são *tipos relativamente estáveis* de enunciados produzidos pelas mais diversas esferas da atividade humana (1992, p. 127). Cabe ressaltar que enquanto os gêneros são até certo ponto estáveis, torna-se difícil uma classificação dos textos que os materializam, pois esses são variados e maleáveis. Para Bronckart, os textos são produto da linguagem em funcionamento permanente nas formações sociais: em função de seus objetivos, interesses e questões específicas, essas formações elaboram diferentes espécies de textos, que apresentam características relativamente constantes e ficam disponíveis no intertexto como modelos indexados para os contemporâneos e as gerações posteriores (1999, p. 137).

Ao caracterizar os gêneros textuais, Marcuschi os qualifica como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem das necessidades e atividades sócio-culturais e na relação com inovações tecnológicas, que motivaram a explosão de novos gêneros e novas formas de comunicação, quer na oralidade, quer na escrita (2002, p. 19). Entre elas, destacamos telegramas, telemensagens, teleconferências, cartas eletrônicas, *chats* e outros. Isso mostra que os gêneros textuais são o resultado do contexto cultural em que se desenvolvem.

Os gêneros textuais, segundo o referido autor, são, portanto, os textos encontrados em nossa vida diária e que apresentam padrões sócio-comunicativos caracterizados pela composição funcional, objetivo enunciativo e estilo realizados na integração de forças históricas, sociais e institucionais. Para Marcuschi, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia (2002, p. 19-23). Eles podem se expressar em diversas designações, podendo-se mesmo dizer que são ilimitados. Alguns exemplos de gêneros textuais são: telefonema, redação de vestibular, sermão, carta comercial, carta pessoal, entre outros.

Em geral, o gênero é tipologicamente heterogêneo, pois pode conter diferentes seqüências tipológicas em sua estruturação. A redação de vestibular, por exemplo, pode apresentar uma seqüência narrativa, uma argumentação, uma descrição, entre outras. Para Marcuschi, os gêneros textuais apóiam-se em critérios externos (sócio-comunicativos e discursivos) e os tipos textuais em critérios internos (lingüísticos e formais) (2002, p. 34).

De acordo o autor citado, a tipologia textual designa uma espécie de seqüência teoricamente definida pela natureza lingüística predominante de sua composição (aspectos

lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas). Quando se classifica um certo texto como narrativo, descritivo ou dissertativo, não se está determinando o gênero, mas uma tipologia textual predominante. Em geral, os tipos textuais abrangem a *narração*, a *argumentação*, a *exposição*, a *descrição* e a *injunção* (2002, p. 22).

Embora a redação do vestibular, normalmente, tenha um caráter dissertativo, apresenta uma heterogeneidade tipológica, ou seja, é constituída por diferentes seqüências discursivas a serviço da dissertação.

3. METODOLOGIA

Este estudo tem um enfoque quantitativo e qualitativo-interpretativo. É uma pesquisa que descreve e analisa a redação de vestibular enquanto gênero textual. O *corpus* constitui-se por setenta e cinco redações dos candidatos do Concurso Vestibular Verão/2004, da Universidade de Caxias do Sul. O critério para a escolha das redações levou em conta a nota obtida pelo candidato, de 10 a 12 pontos. Esses valores indicam um certo domínio da escrita, pois equivalem às notas mais altas atribuídas pela UCS na avaliação da prova de redação. Parte-se da pressuposição de que um texto bem escrito consegue articular diferentes seqüências tipológicas, como é o caso da redação de vestibular, na qual predomina a dissertação, e podem estar presentes outras seqüências, como a narração e a descrição, dentre outras.

4. RESULTADOS

A seguir, serão apresentados os dados quantitativos obtidos na pesquisa e, na seqüência, a análise qualitativa-interpretativa.

Tabela 1: Seqüências tipológicas

SEQÜÊNCIAS TIPOLOGICAS	FREQ.	%
Seqüências injuntivas	57	42,86%
Seqüências descritivas	51	38,35%
Seqüências narrativas	14	10,53%
Seqüências preditivas	10	7,52%
Seqüências explicativas	1	0,75%
TOTAL	133	100%

A tabela 1 mostra que a seqüência tipológica mais utilizada pelos vestibulandos foi a injuntiva, com um percentual de 42,86% de ocorrências nas 75 redações analisadas. Em segundo lugar, com 38,35%, está a seqüência descritiva. Depois, a seqüência narrativa, com 10,53% e a preditiva, com 7,52%. A seqüência menos empregada foi a explicativa, com 0,75%. Constata-se que os vestibulandos valem-se de diferentes seqüências tipológicas para dar consistência à sua redação de vestibular, ou seja, usam essas seqüências a serviço da dissertação, contribuindo para a argumentatividade do discurso. Esses dados confirmam os estudos de Guedes (2002).

O uso predominante da injunção (42,86%) nas redações talvez possa ser justificado pela natureza argumentativa do texto exigido no Concurso Vestibular, uma vez que essa tipologia textual tem por objetivo incitar à realização de uma situação, requerendo-a ou desejando-a, ensinando ou não como realizá-la. Nesse caso, a informação é sempre algo a ser feito e/ou como ser feito. Cabe ao interlocutor realizar aquilo que se requer, ou se determina seja feito, aquilo que se deseja que seja feito ou aconteça, em um momento posterior ao da enunciação (Travaglia, 1991, p. 50). Ao usar a seqüência injuntiva, o vestibulando quer convencer o interlocutor a realizar algo relacionado à idéia defendida no texto.

Por sua vez, o significativo emprego da seqüência descritiva (38,35%) revela a intenção do vestibulando em conduzir o leitor no seu percurso argumentativo. Nesse sentido, Guedes ressalta que a descrição dá um rumo ao leitor; coloca-o em algum lugar e indica o caminho pelo qual ele vai andar, na direção que o leve a sentir o que se quer que ele sinta enquanto lê o texto (2002, p. 179). Na descrição, segundo Travaglia (1991), o autor do texto se coloca na perspectiva do espaço em seu conhecer. Isso o leva a caracterizar e dizer como é o objeto descrito, escolhendo as informações apropriadas para esse fim. Conforme Baltar, “a seqüência descritiva é orientada pelo efeito de fazer ver, de guiar o olhar, de mostrar algum

detalhe dos elementos do objeto do discurso ao seu interlocutor, sem influenciar na progressão temática” (2003, p. 67).

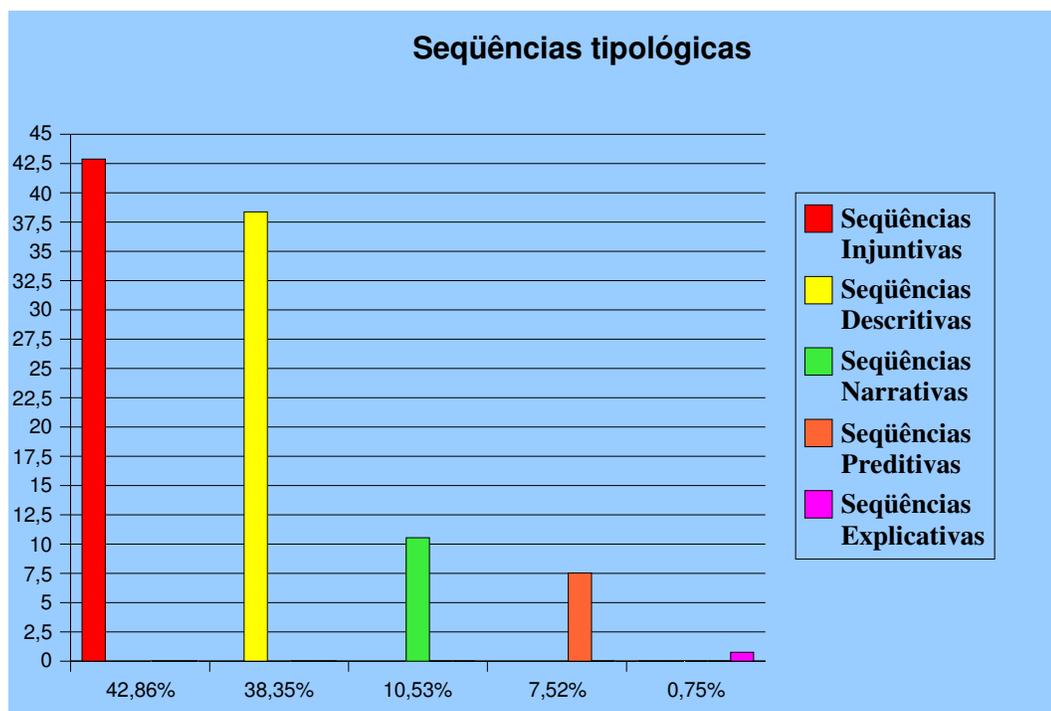
Chama a atenção o fato de a seqüência narrativa (10,53%) ter sido pouco empregada, uma vez que essa tipologia dá consistência argumentativa à dissertação, através de pequenos relatos, exemplos, dentre outros. Pode ser que isso ocorra em decorrência da abordagem das tipologias textuais na escola que são, geralmente, ensinadas de forma estanque. No entanto, na perspectiva dos gêneros do discurso, sabe-se que um texto pode mesclar diferentes tipologias. A seqüência narrativa caracteriza-se pelo contar o que aconteceu, relatando os fatos, os acontecimentos. Nesse sentido, para Travaglia, na narração o enunciador se coloca na perspectiva do fazer ou acontecer inserido no tempo (1991, p. 49).

O pouco emprego das seqüências preditivas (7,52%) e explicativas (0,75%), a seu turno, parece estar relacionado ao fato de que elas não são, em geral, abordadas no Ensino Fundamental e Médio.

Na predição, o locutor/enunciador faz uma antecipação pelo dizer de situações cuja realização terá ocorrência posterior ao tempo da enunciação, sendo pois uma previsão, um anúncio antecipado (Travaglia, 1991, p. 60-61). As formas verbais têm sempre valor de futuro, visto ocorrer uma predição de coisas que estão por acontecer. Há certos tipos de textos que normalmente são preditivos ou contém partes preditivas. É o caso de horóscopos, profecias, boletins meteorológicos, previsões em geral, prenúncios de eventos, comportamentos e situações. Nem sempre o texto preditivo faz parte do universo escolar, o que justifica, talvez, o pouco emprego dessa tipologia nas redações.

Por sua vez, a seqüência explicativa, a menos utilizada pelos candidatos, está presente nos livros didáticos de todas as áreas, sendo uma tipologia com a qual o candidato convive durante toda a sua formação escolar. No entanto, ele não a utiliza em sua dissertação, na medida em que essa seqüência poderia contribuir para a construção de sua opinião. Na explicação, o produtor responde a um problema da ordem do saber, a partir da investigação de uma evidência, ou seja, de um fenômeno normal que se torna objeto de investigação. O texto explicativo também pode partir de um paradoxo que se refere a algo aparentemente incompatível com o sistema estabelecido de explicação do mundo.

O gráfico que segue ilustra o emprego das seqüências tipológicas nas redações de vestibular analisadas:



5. ANÁLISE DE UMA REDAÇÃO

O texto que será analisado foi produzido no Concurso Vestibular/Verão 2004/UCS. A proposta da redação apresentada para o candidato foi a produção de uma dissertação a partir do seguinte tema: *Na sua opinião, o futuro tem mais de planejamento (expedição) ou de acaso (aventura)?*

O Futuro Pelo Presente

1. Todos nós sabemos que o futuro não se pode prever. Prever talvez, não seria o termo correto, mas sim adivinhar. Mas, temos a certeza de que ele pode ao menos ser planejado, cabendo a nós, nos esforçarmos para que aquilo que almejamos dê certo.
2. O futuro é o tempo vindouro construído desde já. Somente poderemos ter um futuro feliz e satisfatório se, vivermos o presente com intensidade, mas também, com uma dose de cautela. Agir com parcimônia é válido para evitarmos fracassos indesejáveis e possíveis destruidores de um futuro de sucesso. A idéia de que deve-se viver cada minuto como se fosse o último é correta até

- certo ponto! Ajamos nós, com moderação para preservarmos cada coisa que nos é delegada e cedida, para que no futuro possamos desfrutar de tudo aquilo que é merecido (injunção). Entenda-se por aquilo que nos é delegado e cedido: a natureza, o trabalho, família, amigos, enfim, tudo que faz parte do nosso cotidiano (descrição).
3. Mas é coerente viver somente dessa forma? Planejando o futuro de forma catedrática e regrada? Claro que não! Devemos sim, dispor de um espírito aventureiro, para que esperemos o futuro de uma forma implícita. Recebamos essa incógnita, esse futuro repentino e de certa forma incerto, de braços abertos e dispostos a encará-lo da melhor maneira possível, sempre lutando para transformá-lo num presente, num hoje, ao menos agradável (injunção).
4. O futuro é movido de um sentimento forte: a esperança. Essa palavra que “move montanhas” e faz renascer força de onde talvez, não haja uma gota de brio (descrição). Nós, seres humanos, detentores da razão e de uma incomensurável capacidade de amar com emoção palpitante, nunca podemos perder a esperança. Se hoje, o presente é cheio de sofrimentos e angústias, o amanhã nos espera com muitas alegrias, desde que, saibamos construir nossa sociedade esperançosa e lutadora (predição).
5. Esperemos o futuro com uma dose de incerteza, mas fortaleçamos desde já, o presente planejando um amanhã bom para todos, sem nunca perdermos, mas sim renovando dia a dia o combustível que nos leva à bem-aventurança: a fé (injunção).

A redação *O futuro pelo presente* é caracteristicamente dissertativa, pois o candidato expõe idéias para dar a conhecer, fazer saber (Travaglia 1991, p. 50), construindo uma opinião de modo progressivo, demonstrando o que se pensa e como se pensa (Delforce, 1992).

Embora se verifique a predominância de seqüências dissertativas, o texto analisado é tipologicamente heterogêneo, apresentando seqüências injuntivas, descritivas e preditivas, que auxiliam na concretização da questão proposta, favorecendo a opinião do candidato.

No primeiro parágrafo, é exposta a situação-problema que embasa todo o texto, referindo-se à possibilidade de previsão e de planejamento do futuro. A partir dela, é apresentada uma tese, afirmando que: “*todos nós sabemos que o futuro não se pode prever*”, porém, “*temos a certeza que ele (o futuro) pode ao menos ser planejado, cabendo a nós, nos esforçarmos para que aquilo que almejamos dê certo*”.

No 2º parágrafo, o autor usa argumentos ao se referir ao futuro como o “*tempo vindouro*” estabelecendo condições para que esse tempo seja “*feliz e satisfatório*”: “*Somente poderemos ter um futuro feliz e satisfatório se, vivermos o presente com intensidade, mas também, com uma dose de cautela*”. De acordo com essa seqüência, pode-se dizer que o candidato se volta para a idéia de viver com aventura, pois, se é necessário viver com

intensidade, dando ênfase ao momento presente, nem tudo precisa ser realizado a partir de um planejamento. Logo após, ele diz como se deve agir para evitar os fracassos e os destruidores de um futuro de sucesso: *“Agir com parcimônia é válido para evitarmos fracassos indesejáveis e possíveis destruidores de um futuro de sucesso”*.

Ainda, no segundo parágrafo, o autor questiona um modo de pensar bastante aceito pela sociedade: *“A idéia de que deve-se viver cada minuto como se fosse o último é correta até certo ponto”*. Ele faz uso dessa seqüência de forma a argumentar quanto à necessidade de se planejar. Para reforçar sua opinião, é inserida a seqüência injuntiva a seguir: *“Ajamos nós, com moderação para preservarmos cada coisa que nos é delegada e cedida, para que no futuro possamos desfrutar de tudo aquilo que é merecido”*. Ele usa essa injunção para incitar à realização de uma ação, a fim de tornar algo possível. Dessa forma, o produtor indica o que fazer, enquanto o interlocutor desempenha o papel de potencial executor. O texto continua com uma seqüência descritiva, com o intuito de explanar o que *“é delegado e cedido”*, a partir do conhecimento concreto: *“Entenda-se por aquilo que nos é delegado e cedido: a natureza, o trabalho, família, amigos, enfim, tudo que faz parte do nosso cotidiano”*. A descrição é orientada pelo efeito de fazer ver, de caracterizar.

Já no terceiro parágrafo, o vestibulando desafia o leitor, questionando-o a respeito da coerência de viver planejando o futuro de forma catedrática e regrada: *“Mas é coerente viver somente dessa forma? Planejando o futuro de forma catedrática e regrada?”* Novamente, nota-se a presença da questão principal, despertando o interesse do leitor e levando-o à reflexão. Porém, ele não deixa de exprimir sua opinião quanto ao questionamento: *“Claro que não”*. Assim, seu pensamento com relação ao puro planejamento é mais uma vez desviado, sendo apresentada agora com mais firmeza a idéia de dispor de um espírito aventureiro. Essa introdução dá-se através de uma injunção, incitando à realização de uma situação (estado) e indicando como alcançá-la. A injunção é usada a fim de convencer o leitor em favor da sua opinião: *“Recebamos nós essa incógnita, esse futuro repentino e de certa forma incerto, de braços abertos e dispostos a encará-lo da melhor maneira possível, sempre lutando para transformá-lo num presente, num hoje, ao menos agradável”*.

No quarto parágrafo, o autor revela que *“o futuro é movido por um sentimento forte: a esperança”*. Para argumentar sobre a importância desse sentimento que, de acordo com ele, é essencial que esteja interiorizado em nós, ele se vale da descrição: *“Essa palavra que “move montanhas” e faz renascer força de onde talvez, não haja uma gota de brio”*. Essa seqüência reforça a importância da esperança, qualificando-a, atribuindo-lhe valor. Faz isso na tentativa de guiar o olhar, mostrar detalhes do elemento, verbalizar uma abstração. Nessa descrição encontra-se a inserção de uma intertextualidade com um texto bíblico (*“move*

montanhas”), que enfatiza a idéia defendida. Ainda no mesmo parágrafo, o candidato fala que “*nunca podemos perder a esperança*”. Ele vincula essa idéia à necessidade de planejamento e, ao mesmo tempo, à necessidade de “*dispor de um espírito aventureiro*”. Ao se referir ao futuro, o autor utiliza uma seqüência preditiva, fazendo a antecipação pelo dizer de uma situação, cuja realização terá ocorrência posterior ao tempo presente, correspondendo a uma previsão, a um anúncio antecipado: “*Se hoje, o presente é cheio de sofrimentos e angústias, o amanhã nos espera com muitas alegrias, desde que, saibamos construir nossa sociedade esperançosa e lutadora*”. Ele dá coesão ao texto, ou seja, evidencia a relação entre as partes de seu texto, introduzindo a predição por meio do articulador de condição “se”.

No último parágrafo, foi inserida uma seqüência injuntiva com o propósito de sintetizar o desejo do autor em relação ao posicionamento por ele defendido no decorrer da redação e levar o leitor a agir: “*Esperemos o futuro com uma dose de incerteza, mas fortaleçamos desde já, o presente planejando um amanhã bom para todos, sem nunca perdermos, mas sim renovando dia a dia o combustível que nos leva à bem-aventurança: a fé*”. Dessa forma, ele nos apresenta maneiras de viver o hoje de acordo com o futuro almejado, e reforça a idéia de que a fé deve ser renovada a cada dia. Assim, fica evidente que o vestibulando defende a idéia de planejamento, desde de que se mantenha aliado a ele, um espírito aventureiro, uma certa espera pelo acaso.

Assim, a redação analisada é composta por seqüências argumentativas, injuntivas, descritivas e preditivas. O candidato construiu o texto alternando as seqüências de maneira coerente e coesa, objetivando conduzir o leitor a uma avaliação e tomada de posição sobre o tema. Apesar das diferentes seqüências, essa redação é um texto dissertativo, pois predomina o discurso argumentativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se observou a partir deste estudo, a redação de vestibular caracteriza-se como um gênero textual tipologicamente heterogêneo. Para dar consistência argumentativa ao seu texto, os vestibulandos valeram-se de diferentes seqüências tipológicas. Assim, o ensino da redação de vestibular requer do professor um entendimento de que esse gênero não é puramente dissertativo.

Nesse sentido, um trabalho a partir da perspectiva dos gêneros textuais torna-se importante e necessário no ensino da escrita, uma vez que o contato com diferentes textos

torna mais fácil a compreensão da constituição heterogênea dos gêneros, especialmente a redação de vestibular.

É imprescindível que o aluno de Ensino Médio tenha a consciência de que a redação de vestibular cumpre uma função social, ou seja, é um texto inserido numa situação de comunicação, na qual um locutor, o vestibulando, tem algo a dizer para um interlocutor, a banca avaliadora.

BIBLIOGRAFIA

1. BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHINOV, V. N.). *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
2. BALTAR, Marcos Antônio Rocha. *A competência discursiva através dos gêneros textuais: uma experiência com o jornal de sala de aula*. 2003. 141 f. Tese (Doutorado em Teorias do texto e do discurso) - Curso de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
3. BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos*. São Paulo: EDUC, 2003.
4. DELFORCE, Bernard. La dissertation et la recherche des idées ou: le retour de l'inventio. *Pratiques* 75, p. 3-16, sep. 1992.
5. FLORES, Valdir do Nascimento & SILVA, Carmen Luci da Costa. O texto dissertativo em debate: uma análise de redações de vestibular. In: *Redação instrumental*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2003. p. 89-109.
6. GUEDES, Paulo Coimbra. *Da redação escolar ao texto: um manual de redação*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.
7. MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: BEZERRA, Maria Auxiliadora; DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel. *Gêneros textuais & ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 19-36.
8. PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: Ensino Médio. Brasília: Ministério da Educação, 1999.
9. PILAR, Jandira. *A redação de vestibular*. Santa Maria: Pallotti, 2001.
10. SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. Leitura e produção textual: novas idéias numa velha escola. *Em aberto*, Brasília, n. 52, p. 39-52, out./dez. 1991.

11. TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Um estudo textual-discursivo do verbo no português do Brasil*. 1991. 330 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.